

edgar rodrigues: um anarquista entre duas pátrias [parte 2]¹

josé maria carvalho ferreira

Devido a esta série de fatores conjugados com uma vontade férrea de dar a conhecer publicamente o conteúdo das lutas operárias pela emancipação social, Edgar Rodrigues centra a sua atenção de militante anarquista no espaço-tempo da história social do Brasil. A primeira obra que marca esta evolução de Edgar Rodrigues incide na temática de *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*, publicado em 1969². Com este livro, Rodrigues pretendeu resgatar a verdade da história das lutas dos oprimidos e explorados e, ao mesmo tempo, desmascarar a mistificação da história oficial do Estado, da igreja, do capitalismo e da ciência normativa. Esta concepção histórica do socialismo libertário e do anarcossindicalismo atravessa todo o discurso narrativo de Edgar Rodrigues, não obstante sabermos que a gestação dos mesmos teve lugar em finais do século XIX e princípios do século XX. Embora sabendo da historicidade destes conceitos, isso não o impediu de iniciar a sua análise

José Maria Carvalho Ferreira é professor e pesquisador no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), na Universidade Técnica de Lisboa/SOCIUS, Portugal. Contato: jmcfr@iseg.utl.pt.

com um capítulo sobre o Quilombo dos Palmares no Brasil. A razão da plausibilidade histórica deste livro (cujo recorte abrange da primeira metade do século XVII às primeiras décadas do século XX) insere-se num contínuo lógico pautado por um tipo de concepção libertária emancipalista assente na ação coletiva dos oprimidos e explorados contra o Estado e o capital e, por outro lado, num tipo de organização baseada na ação direta: “Sobre os Palmares corriam lendas entre negros e brancos que serviram para os encorajar uns a fugir, e outros a justificar as suas derrotas, mas o certo é que ali, no meio do mato, nasceu um Novo Mundo, com novos costumes, todos bafejados por ideias novas. O Quilombo dos Palmares não seguia as tradições religiosas para o batismo dos que ali nasciam e os seus casamentos eram livres e regidos pelas ‘leis da natureza’. O seu apetite era a regra da sua eleição, cada um tinha as mulheres que quisesse. As normas da escolha, da união e da separação, eram inteiramente livres. Não obedeciam à sujeição de alguma lei que não fôra a do respeito aos direitos dos demais quilombolas. Tudo isto uniu os palmarinos e os tornou uma força poderosa, capaz de derrotar muitas expedições militares fortemente armadas e resistir até ao último homem, preferindo o suicídio a entregar-se vencidos ao exército da monarquia”³.

Seguindo o mesmo raciocínio centrado nas lutas do campo, Edgar Rodrigues introduz um acontecimento histórico emancipalista no Brasil centrado na Guerra dos Canudos, na região nordeste, Bahia. Essa guerra teve início em 1896 e terminou em 1897. Apesar de ter durado pouco, as opções revolucionárias dos camponeses de Canudos liderados por Antônio Conselheiro tinham como propósitos básicos a extinção dos impostos praticados pelo

Estado, a expropriação dos latifundiários, bem como da própria Igreja.

Edgar Rodrigues, em seguida, analisa a influência das ideias socialistas francesas no Brasil, com principal destaque para Charles Fourier, Pierre-Joseph Proudhon e Elisée Reclus. Na época, qualquer um desses autores defendia um tipo de socialismo libertário, por natureza oposto e diferente do socialismo marxista. Por várias razões, essa influência traduziu-se na formação de vários falanstérios e, em última análise, esteve na origem do anarquismo experimental na Colônia Cecília, entre 1890 e 1894. Estas experimentações libertárias deram-se, fundamentalmente, no setor agrícola, tendo mais tarde repercussões manifestadas no setor industrial.

Pode-se deduzir que, para Rodrigues, o ciclo histórico das lutas sociais no Brasil, que começou no século XVII e terminou em finais do século XIX, é maioritariamente assumido pelos trabalhadores do campo; e que a noção ideológica de socialismo libertário foi experimentada nas comunidades baseadas nos falanstérios preconizados por Fourier e no anarquismo experimental da Colônia Cecília.

Por razões que têm a ver com o processo de industrialização e de urbanização do Brasil, conjugadas com a vinda de emigrantes italianos, espanhóis, portugueses e de outras nacionalidades, a introdução das ideias e práticas do socialismo, do anarquismo e do sindicalismo desenvolveram-se no seio dos trabalhadores assalariados brasileiros, com especial incidência no setor industrial e de serviços nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Não admira, assim, que em finais do século XIX, como consequência dos ensinamentos

da Colônia Cecília, emergisse uma série de publicações cujos propósitos essenciais foram a defesa do anarquismo (socialismo libertário) contra o socialismo autoritário preconizado por Marx e seus acólitos. Evidentemente que a plasticidade social dessas posições antagônicas traduzia-se num tipo de modalidade de ação coletiva dos trabalhadores assalariados conducente ou não à extinção imediata do Estado e do capitalismo.

Essa evolução do anarquismo no Brasil, para Rodrigues, é visível a partir de 1890, com a proliferação de publicações em São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belém, Recife, Fortaleza, Santos, Ribeirão Preto, Amazonas, Bahia e Goiás. Esse fervilhar de ideias expandiu-se com relativa facilidade e acuidade. Essa identidade ideológica no Brasil deu lugar à realização do 1º Congresso Operário no Rio Grande do Sul, promovido pela União Operária, em Porto Alegre, nos dias 1 e 2 de janeiro de 1898.

Segundo Edgar Rodrigues, as condições de miséria, de pobreza e de injustiça social – e, em alguns casos, de escravidão humana no seio dos trabalhadores assalariados –, fez com que aqueles que se encontravam nas regiões mais industrializadas se identificassem com as proposições dos anarquistas. Como consequência foram formadas uniões e federações estaduais e regionais de natureza sindical nos Estados mais industrializados, sendo que a quase totalidade estava identificada com o sindicalismo revolucionário e o anarcossindicalismo. Em paralelo, a criação de ateneus, teatros, bibliotecas e escolas, serviu para desenvolver a cultura e a formação dos seus aderentes. Essa situação era ainda mesclada pela solidariedade internacional dos anarquistas nos sindicatos. Tudo isso

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

conjugado deu origem a uma série de greves, como aquela realizada em Santos, em 1904, assumindo um significado muito particular, quer pelo simbolismo de solidariedade internacional, quer pelo seu radicalismo.

Nesse livro sobre o socialismo e o sindicalismo no Brasil, Rodrigues pretendeu demonstrar que na sua gênese estavam e estarão os trabalhadores assalariados. E se uma plêiade de intelectuais brasileiros e de outras nacionalidades estiveram presentes nas lutas para os ajudar, o intuito deles sempre foi submeter-se aos desígnios da sua emancipação. Esse processo histórico no sentido do anarquismo e do sindicalismo sistematiza-se desde finais do século XIX e princípio do século XX com base na difusão de inúmeras publicações anarquistas nos estados mais industrializados do Brasil, conferências, debates, greves, criação de estruturas sindicais ao nível local, regional e estadual.

Com a evolução das lutas sociais promovidas pelos trabalhadores assalariados no sentido da emancipação social, a influência dos postulados ideológicos e organizacionais do anarquismo e do anarcossindicalismo culminam com a realização do 1º Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro, de 15 a 20 de abril de 1906. Das várias resoluções importantes, destaca-se a formação da COB (Confederação Operária Brasileira). Esta adotou os princípios e as práticas do anarcossindicalismo da CGT francesa e, por outro lado, agregou a maioria dos sindicatos dos diferentes estados do Brasil. Para Edgar Rodrigues, a criação da COB foi um marco histórico importantíssimo para a defesa do anarquismo e do anarcossindicalismo no Brasil, bem como para a emancipação social do operariado brasileiro. Embora antes já houvesse ocorrido

greves em vários estados e se comemorasse o 1º de Maio de forma revolucionária, a partir de então surgem várias greves em São Paulo, Rio de Janeiro e Santos, sendo importante realçar a que ocorreu em São Paulo no ano de 1907 na empresa da Companhia Paulista das Estradas de Ferro, e uma outra de caráter sangrento, em 1908, no porto de Santos. Para além destas, sublinha-se aquelas que ocorreram em 1912 em vários estados do Brasil. Por outro lado, desde a fundação da COB, o 1º de Maio foi potencializado e serviu, fundamentalmente, para realizar manifestações simbólicas contra o Estado e o capitalismo.

Antes da formação da COB já existia o gérmen da sua fundação no movimento social operário, nomeadamente com a emergência de publicações libertárias, experiências comunitárias anarquistas e criação de estruturas sindicais. O que acabo de me referir é bem exemplificado pela realização do 1º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em 1 e 2 de janeiro de 1898. A COB não é mais do que o culminar de uma ação individual e coletiva expressa em ações sindicais aos níveis local, regional, estadual e nacional. O caráter organizativo, revolucionário e reivindicativo da COB através das suas federações locais, regionais e estaduais imprime uma dinâmica à atuação dos sindicatos que culmina na realização de vários congressos e conferências estaduais.

Quando Edgar Rodrigues escreveu o livro *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*, referiu-se também ao 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado de 15 a 20 de abril de 1906; o Congresso Operário de Curitiba, realizado em 1907; a 1ª Conferência Operária Estadual de São Paulo, realizada de 6 a 8 de dezembro de 1906; o 1º Congresso Operário Estadual de São Paulo, realizado em 1906; o

2º Congresso Operário Estadual de São Paulo, realizado de 17 a 19 de abril de 1908; e o 2º Congresso Operário Brasileiro, realizado de 8 a 13 de setembro de 1913. É lógico que nesse período histórico da existência da COB, entre 1906 e 1913, Edgar Rodrigues não havia sublinhado a realização de outros eventos inscritos na ação da COB apenas por não possuir tais informações.

Posteriormente, noutros livros, Edgar Rodrigues alargou o seu período histórico de análise dos congressos operários brasileiros, sublinhando a ocorrência e o conteúdo do 3º Congresso Operário Brasileiro, realizado de 23 a 28 de setembro de 1920, no Rio de Janeiro. Este e outros congressos foram analisados por Rodrigues dez anos mais tarde, no livro *Alvorada Operária*⁴. Pode-se retirar da leitura deste livro que os tempos áureos da luta sindical dinamizada pela COB chegaram ao fim por três razões fundamentais: a repressão policial; as fissuras abertas pela 1ª Guerra Mundial; e a vitória do Partido Comunista da União Soviética, que dilacerou ideologicamente o socialismo libertário que muitos anarquistas defendiam – razão pela qual se tenham transformado nos coveiros do anarcossindicalismo da COB e difusores do comunismo no Brasil. Ainda houve um 4º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro entre 7 e 15 de janeiro de 1912. Este não teve nada a ver com as premissas teóricas e práticas da COB, tendo como objetivo destruir a identidade revolucionária e libertária dessa organização sindical. Realce-se também o 2º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, de 21 a 25 de setembro de 1920; o 3º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, entre 27 de setembro e 3 de outubro de 1925; e o 4º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, de 2 a 3 de janeiro de 1928.

O segundo livro que Edgar Rodrigues publica em 1969 insere-se na temática do confronto e nas diferenças da origem e atualidade entre o comunismo e o anarquismo. Pode-se deduzi-lo quando o autor afirma o tipo de socialismo ou de comunismo que defende: “Em verdade, o comunismo e o socialismo ainda não foram postos em prática. A experiência soviética e agora a chinesa e a cubana, etc..., não invalidam a ideia. O que realmente existe são regimes políticos de ‘Estados fortes’, onde o indivíduo representa apenas uma célula social. A vida, os bens individuais e a família, frente a esses Estados, por si só nada valem, nada contam. A capacidade criadora e livre não existe, como não existe pesquisa individual. Isto reduz fatalmente à insignificância a personalidade humana, que passa a desejar o chefe e o líder. O Estado forte conduz à sobrevivência e à idolatria, à alienação, e apaga do indivíduo os rasgos de solidariedade humana e os desejos de ser livre. Isto não é Comunismo! Isto não é Socialismo!”⁵.

Esta concepção de Rodrigues sobre o anarquismo é muito singular, sobretudo se levarmos em conta o que pensava do comunismo e do socialismo. Como para ele o homem era, em princípio, naturalmente bom, desde que o Estado, o capitalismo e a Igreja fossem abolidos do planeta Terra, o anarquismo era uma opção emancipalista inquestionável: “O anarquismo não tem donos, pais ou líderes, não é intelectual nem operário. Ninguém o inventou. Os seus princípios, desenvolvidos através de uma filosofia de vida, são leis naturais examinadas pelo raciocínio humano. E é, sobretudo, humanista por excelência. Os que lhe emprestam atos de violência, tem-no feito como resposta aos grandes tiranos e nunca por um princípio ideológico. O anarquismo tem por

princípios que o homem é bom, e que lhe falta algo desta qualidade, tal deficiência provém do meio social em que viveu, tornando incapaz de compreender que o seu interesse bem entendido, não diverge a humanidade. Todo o homem tem um direito natural, igual e imprescindível a desenvolver-se livremente, e só esse direito pode dar felicidade ao ser humano”⁶.

Diga-se que este pressuposto humanista e naturalista do homem anarquista radicava numa concepção não-violenta assentada na justiça e na liberdade. Esta posição ideológica tornou-se bastante visível nos livros que escreveu⁷, quer, ainda, nos 1755 artigos publicados em 13 países da Europa e da América Latina.

Nas décadas de 1950 e 1960, a militância anarquista de Edgar Rodrigues no Brasil não se cingiu às atividades do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO) no Rio Janeiro. Como membro deste grupo e também como indivíduo identificado com a expansão do anarquismo no Brasil, participou de vários congressos e encontros, dentre eles o Encontro de Companheiros de Ideias, realizado na Urca, entre 9 e 11 de fevereiro de 1953, no Rio de Janeiro. De 26 a 29 de março de 1959, e também de 20 a 22 de abril de 1962, participou do Congresso Anarquista na “Nossa Chácara”, em São Paulo. De 15 a 17 de novembro de 1963 participou de um Congresso Anarquista no “Nosso Sítio”, em São Paulo. No dia 1º de maio de 1964 participou, com um grupo restrito de companheiros anarquistas, de uma reunião de anarquistas no “Nosso Sítio”, em São Paulo, tendo como base de discussão a situação do movimento anarquista no Brasil e as consequências da instauração da ditadura militar, em 1º de abril de 1964. Em 1965, participou de um Encontro Ácrata no “Nosso Sítio”, em São Paulo. Em 1º

de maio de 1982, esteve presente com Jaime Cubero, Ideal Peres, Fernando Neves, Esther Redes, Feliz Gil Herrera, Antônio Martinez e outros companheiros num Congresso Anarquista no “Nosso Sítio”, em São Paulo. Em 30 de abril, 1 e 2 de maio de 1986, participou de um Encontro Pró-COB na Rua Rubino de Oliveira, sede do Centro de Cultura Social (CCS), em São Paulo.

Nesse período histórico, as idas e vindas entre Rio de Janeiro e São Paulo permitiram que Edgar Rodrigues conhecesse uma plêiade de velhos anarcossindicalistas que lhe permitiram constituir um acervo único de informações sobre a história do movimento social operário no Brasil que, posteriormente, divulgou em livros e artigos. É de enaltecer a ajuda e amizade demonstrada pelo militante anarquista Pedro Catallo, residente em São Paulo. Essa amizade militante estendeu-se à realização de piqueniques na “Nossa Chácara” e no “Nosso Sítio”. Nesse aspecto, Rodrigues foi muito solidário não somente em relação à compra da propriedade do “Nosso Sítio”, mas também às necessidades e funções de outro tipo. As relações com o Centro de Cultura Social de São Paulo foram uma constante na vida de Edgar Rodrigues. Por essa razão, fez parte de um conjunto de militantes anarquistas que criou, informalmente, o grupo *Projeção*, na década de 1980. Este, constituído por Ideal Peres, Jaime Cubero, Francisco Cubero, Antônio Francisco Correia, Fernando Gonçalves da Silva, José Carlos Orsi Morel, Antônio Martinez, Feliz Gil Herrera, Nito Lemos Reis e Liberto Lemos Reis, criou, em 21 de agosto de 1986, o *Círculo Alfa de Estudos Históricos*, em São Paulo. Este Círculo de Estudos tinha por objetivo constituir-se como arquivo histórico do movimento anarquista brasileiro e,

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

para tanto, estudar, organizar e difundir as informações contidas em jornais, revistas, livros e documentos junto de todos os interessados. Durante anos, Edgar Rodrigues doou uma parte significativa do seu espólio documental e ajudou, financeira e administrativamente, a manter de pé esse projeto. Com a entrada de novos membros, a morte de alguns membros fundadores do grupo CAEH e o decréscimo das atividades no seu seio, criou-se uma situação insustentável de crise dando origem a atropelos comportamentais inqualificáveis. A expulsão de Edgar Rodrigues do *Círculo Alfa de Estudos Históricos*, em 19 de novembro de 2007, revelou-se um marco histórico de falta de vergonha, de falta de caráter e de incapacidade de diálogo e de liberdade entre aqueles que se reclamam, ideologicamente, do anarquismo.

Na década de 1970, ocorreu um acontecimento histórico relevante que mudou muito a divulgação dos ideais e práticas do anarquismo de Rodrigues. Refiro-me, concretamente, à revolução portuguesa de 25 de abril de 1974. Com o eclodir deste acontecimento, em certa medida, estavam desmoronadas as razões que estiveram na origem da sua condição-função de emigrante. Por outro lado, não estava mais sujeito às contingências da censura e das prisões da ditadura fascista. Evidentemente que voltar para Portugal já não tinha cabimento, tendo presente os alicerces familiares que havia constituído no Brasil: Ondina Santos (companheira), Oscar Zola (filho), Regina Correia Hespagnol (filha), Renata Correia (neta), Fabiana Correia (neta), Antônio Correia (neto), Ana Cristina Correia (neta). Em consonância com a perduração da ditadura militar e a margem de liberdade adquirida pela Revolução de 25 de abril, a grande preocupação de

Edgar Rodrigues voltou-se para o país onde nasceu e viveu durante trinta anos.

Em face desta conjuntura, Edgar Rodrigues teve a oportunidade de publicar em Portugal *ABC do Anarquismo*⁸, em 1976, e *Breve História do Pensamento e das Lutas Sociais em Portugal*⁹, em 1977. Tendo presente a agitação comunista de teor diversificado, com especial incidência para o Partido Comunista Português (PCP) e grupos esquerdistas de diferente teor, Rodrigues publicou uma série de artigos cujo alvo incidiu, basicamente, na denúncia da ditadura comunista soviética. Nesse sentido, publicou, desde 1974, vários textos nos jornais *Gazeta do Sul*, *Voz Anarquista*, *Jornal de Almada* e, posteriormente, em *A Batalha* e *A Ideia*.

Retornou pela primeira vez a Portugal em 1978, quando tinha cinquenta e sete anos. Essa primeira visita, para além de servir para ir aos locais simbólicos do movimento anarquista português, permitiu-lhe reconstituir os laços familiares e visitar amigos que não via há muito tempo. Por outro lado, a memória histórica e as recordações de onde nasceu e viveu durante três décadas permitiram-lhe restabelecer contatos com antigos militantes anarcossindicalistas ainda vivos. Essas relações deram-lhe acesso a um conjunto de informações nucleares que mais tarde deram lugar à edição da história do movimento libertário português. Trata-se uma obra com 4 volumes que abarcam um período histórico de 1834 a 1911. Alguns críticos, com uma certa razão, apontam falhas e erros relativos à origem das fontes. Esquecem-se, porém, que Edgar Rodrigues teve pouca ajuda dos militantes anarquistas portugueses na procura de documentos perdidos ou queimados pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Sem

movimento social anarquista e com o Comité Confederal da CGT sem tornar partido prático, formal e ideológico das suas reuniões, tornou-se difícil produzir a história social de natureza libertária em Portugal. Até agora ninguém a fez, mas Edgar Rodrigues fê-lo com as suas possibilidades e capacidades¹⁰.

Durante essa viagem, Rodrigues conseguiu tornear as dificuldades de distribuição da Editora Mundo Livre no Brasil, razão pela qual o livro *Deus Vermelho* tenha sido impresso no Porto. Este é um autêntico libelo contra o comunismo soviético¹¹. A partir dessa viagem, restabeleceu o contato com antigos militantes anarquistas que tinham integrado a CGT e participavam na edição do jornal *Voz Anarquista*, sediado em Almada, assim como com a revista *A Ideia*, dirigida por João Freire. Voltou a Portugal em 1980, tendo desta vez aproveitado a ocasião do lançamento do 1º volume da história do movimento libertário em Portugal, editado pela Editora Sementeira. Em 1986, voltou novamente a Portugal, com o objetivo de doar parte do espólio do movimento social português e biografias de anarquistas ao Arquivo Histórico-Social da Biblioteca Nacional. Com livros de teor diferente, o mesmo foi feito em relação à Biblioteca Municipal de Matosinhos. Passados dois anos, voltou a Portugal em 1988, sempre a fim de dar continuidade e fortalecer os laços ideológicos e de amizade que tinha conseguido estabelecer com novos e velhos militantes anarquistas. Contudo, não pôde estar presente, por se encontrar no Brasil, em 26 de janeiro de 1996, quando foi inaugurada uma exposição documental sobre Edgar Rodrigues, patrocinada pelo município de Matosinhos. Esta foi realizada quatro vezes em locais distintos, sendo que a última, entre 13 e 18 de setembro de

1996, em São Mamede de Infesta, com a presença física de Edgar Rodrigues e de Ondina Santos. No ano de 2000, veio ainda a Portugal tratar de assuntos editoriais. Com base em meu conhecimento pessoal, a última vez que estive em Portugal reporta-se à inauguração do *Catálogo da Exposição sobre a Vida e a Obra de Edgar Rodrigues*, organizado pela Associação Cultural *A Vida*, ocorrida em Lisboa no Museu República e Resistência entre 18 de abril e 10 de maio de 2002, e na livraria Ler Devagar entre 11 e 18 de maio de 2002. No Porto, ocorreu em 19 de maio e no Centro de Cultura Social, em 26 de maio de 2002.

Estas idas e vindas entre o Brasil e Portugal, iniciadas e desenvolvidas num clima de liberdade política e ideológica pela revolução de 25 de abril de 1974, permitiram que Edgar Rodrigues otimizasse a sua colaboração com os jornais anarquistas portugueses, destacando-se a sua participação no jornal *Voz Anarquista* e, em menor grau, nas revistas *A Ideia* e *Utopia*, e no jornal *A Batalha*. Não sendo de modo algum publicações de caráter libertário, foi, no entanto, nessas que Edgar Rodrigues publicou a grande maioria dos seus artigos em Portugal. Destaque-se, entre elas, o jornal *Gazeta do Sul*. E, também, a *Barcelos Popular*; *Notícias de Penafiel*; *A Foz do Lima*; *A Vanguarda*; *Jornal da Marinha Grande*; *Jornal de Almada*; *Notícias de Penafiel*; *Nova Gazeta*; *Aurora do Lima*; *O Correio de Gaia*; *O Comércio de Gaia*; *Jornal de Matosinhos*; *Falcão do Minho*; *Flor do Tâmega*; *Notícias dos Arcos*; *Jornal de Notícias de Gaia*; *O Progresso da Foz*; *A Voz de Gaia*; *O Correio do Minho*; e *Jornal da Província*.

Até o fim da ditadura civil-militar no Brasil, em 1985, verificou-se que a margem de liberdade de ação de Edgar

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

Rodrigues se localizou, desde 1974, em Portugal. A propensão para publicar as suas obras no país onde nasceu revelava-se mais positiva, sobretudo tendo presente as questões de censura, edição e distribuição. Todavia, não se pode escamotear o fato da aculturação de Edgar estar centrada e vivificada, desde 1951, no Brasil. Por um lado, a gênese de sua família deu lugar a uma matriz vivencial baseada em laços sanguíneos e comunicacionais que tendem a perdurar no tempo. Por outro lado, a pesquisa sobre o movimento social libertário e operário brasileiro produzia um efeito militante e ideológico traduzido na publicação de livros e artigos. A assunção de vinculação cultural ao Brasil há muito tinha sido consumada, razão pela qual tenha requerido a cidadania brasileira em 1965, concedida em 1966.

Nesse sentido, não admira que a preocupação de Edgar Rodrigues durante toda a sua vida tenha sido pesquisar e organizar milhares de documentos e transformá-los em livros e artigos. Sua preocupação não era atingir a cientificidade máxima, na medida em que não tinha a veleidade nem a preocupação formal e institucional que todos os cientistas ou acadêmicos têm quando são avaliados pelos seus pares. O que lhe interessava, e sempre o interessou, era revelar a mentira da história oficial do capitalismo e do comunismo que procura denegrir os pressupostos emancipalistas do anarquismo e do movimento social operário. Interessava-lhe também disponibilizar todas as fontes e informações que todos os pesquisadores poderiam estudar e elaborar de forma mais proficiente. Desse modo, publicou *Nacionalismo e Cultura Social*¹², em 1972, livro que continua a privilegiar a história do movimento social operário no Brasil, articulando suas organizações anarcossindicalistas do período de 1913 a

1922 e, conseqüentemente, seus conflitos e contradições. Embora não se trate de uma obra baseada nos mesmos pressupostos históricos e analíticos, em 1974, publicou *Violência, Autoridade & Humanismo*¹³, em que percebe os fenômenos perversos do Estado, das prisões e das escolas, defendendo que para combater esta realidade é necessário seguir os princípios e práticas do humanismo anarquista. Ainda na década 1970, outros livros foram publicados, como *Conceito de Sociedade Global*¹⁴, em 1974; *Trabalho e Conflito*¹⁵, em 1977; *Novos Rumos*¹⁶, em 1978. Sendo diferentes em seus conteúdos e já tendo um certo caráter repetitivo, o que se sobressai em todas estas obras é uma enorme identidade ideológica com o anarcossindicalismo, o anarquismo e uma necessidade intrínseca em criticar o Estado e o capital na sua expressão globalizada. Acresce uma novidade no livro *Novos Rumos*: pela primeira vez, reconhece que o anarcossindicalismo, entre 1922 e 1946, está em declínio no Brasil e no resto do mundo. Evidentemente que a disputa entre anarquistas e comunistas no Brasil após a vitória dos bolcheviques, em 1917, na URSS, sempre foi um ponto crucial de análise para Edgar Rodrigues. No livro *Trabalho e Conflito* fez uma análise exaustiva das greves que ocorreram entre 1906 e 1935 no Brasil, articulando-as com as condições de trabalho paupérrimas, os baixos salários e a inexistência de direitos sindicais e sociais.

Na década de 1980, para além daqueles editados em Portugal, Edgar Rodrigues publica *Socialismo: uma Visão Alfabética*¹⁷, em 1980; *Os Anarquistas – Trabalhadores Italianos no Brasil*¹⁸, em 1984; *Quem tem medo do anarquismo?*¹⁹, em 1986; *ABC do Sindicalismo Revolucionário*²⁰, em 1987; *Os Libertários – Ideias e*

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

*Experiências Anárquicas*²¹, em 1987. No caso específico do livro *Socialismo: uma Visão Alfabética*, o principal objetivo de Edgar Rodrigues foi revelar o caráter e a personalidade dos militantes anarquistas ao longo da história, realçando a natureza das suas biografias em vários países, desde meados do século XIX até a década de 1960. Por outro lado, não deixou de contrastar e comparar as diferenças subsistentes entre o marxismo e o anarquismo, assim como entre o anarcossindicalismo e os outros sindicalismos.

Em relação ao livro *Os Anarquistas – Trabalhadores Italianos no Brasil*, é importante sublinhar a originalidade da pesquisa que foi realizada junto à comunidade italiana que tinha emigrado para o Brasil desde finais do século XIX. Para Rodrigues, esta comunidade foi importantíssima para gerar a ação revolucionária anarquista no Brasil através da imprensa, dos sindicatos, de greves e outras manifestações culturais, como foi o caso dos teatros, ateneus, escolas e bibliotecas. No que toca a uma obra mais ideológica, como em *Quem tem medo do anarquismo?*, estamos perante a defesa afirmativa e positiva do anarquismo, nos seus múltiplos parâmetros, face aos seus detratores históricos, no plano ético, científico, social, político e cultural. O livro *ABC do Sindicalismo Revolucionário* transporta-nos para uma visão do sindicalismo revolucionário identificado com os pressuposto ideológicos do anarco-sindicalismo, no que concerne às modalidades autogestionárias e autonômicas organizacionais, como também à luta revolucionária desenvolvida contra o Estado e o capital. Nesse sentido, com base na comparabilidade possível em relação à natureza e à ação de sindicatos a nível mundial, constata-se que o sindicalismo revolucionário está em oposição a outras correntes sindicais, sejam elas reformistas, fascistas,

cristãs, socialistas ou comunistas. No que diz respeito à obra *Os Libertários – Ideias e Experiências Anárquicas*, importa, sobretudo, realçar o aspeto didático que Edgar Rodrigues lhe dá, nomeadamente à sua conceituação universal, socorrendo-se dos autores mais emblemáticos e das experiências revolucionárias mais representativas. É evidente que o Brasil tem um papel importante na historicidade desse processo.

Na década de 1990, Edgar Rodrigues libertou-se dos constrangimentos da gestão da sua empresa de construção civil. Esta função teve repercussões na sua margem de manobra, quer em relação à sua disponibilidade mental, psíquica e física, quer ainda para organizar, pesquisar e escrever um conjunto de livros que tinha em mente antes de morrer.

Por aquilo que acabo de demonstrar por experiência própria, cabe referir que, já nesse momento, a ascensão socioeconômica de Edgar Rodrigues como empresário da construção civil permitiu-lhe usufruir de um enriquecimento relativo que se consumou na distribuição de riqueza pela família. Todavia, por conhecimento e informações fidedignas de pessoas que conheci, Edgar Rodrigues deu muito dinheiro a grupos e organizações anarquistas, subsidiou publicações de jornais e revistas libertárias e muitas das edições da sua autoria foram amplamente custeadas por si. Diga-se de passagem que, a partir da década de 1990, abdicou de qualquer intromissão na gestão técnica e financeira da empresa que lhe pertencia, tendo o seu filho Oscar Zola assumido essa função.

Como consequência desta nova realidade, na década de 1990, publicou os seguintes livros: *A Nova Aurora*

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

*Libertária (1945-1948)*²², em 1992; *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*²³, em 1992; *Entre Ditaduras (1948-1962)*²⁴, em 1993; *O Ressurgir do Anarquismo (1962-1980)*²⁵, em 1993; *Os Libertários*²⁶, em 1993; *O Homem em Busca de Terra Livre*²⁷, em 1993; *O Anarquismo no Banco dos Réus (1969-1972)*²⁸, em 1993; *Diga não à Violência*²⁹, em 1995; *Sem Fronteiras*³⁰, em 1995; *Os Companheiros* (5 volumes)³¹, entre 1994-1998; *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*³², em 1997; *Notas e Comentários Histórico-Sociais*³³, em 1998; *Universo Ácrata* (2 volumes)³⁴, em 1999; *Pequeno Dicionário das Ideias Libertárias*³⁵, em 1999.

No livro *A Nova Aurora Libertária (1945-1948)*, procurou reconstituir a história do movimento libertário no Brasil no período histórico que culminou com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Para esse efeito, analisou a imprensa libertária, organizações, grupos e militantes que mais contribuíram para o renascimento das ideias e práticas anarquistas, não esquecendo também de elaborar uma crítica radical aos malefícios provocados pela guerra, o Estado e o capitalismo. Quanto à obra *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*, Edgar Rodrigues fez uma pesquisa exaustiva do papel que a Escola Moderna, baseada nos princípios de Francisco Ferrer, teve na educação integral das famílias operárias e dos militantes anarcossindicalistas. Esta opção pedagógica e cultural sempre foi um pressuposto de ação militante dos anarquistas no Brasil, daí que tenham criado e mantido grupos de teatros nas regiões mais industrializadas do país. A poesia, por outro lado, era também um meio comunicacional verbal oral crucial para difundir os ideais anarquistas junto das massas trabalhadoras brasileiras.

Evidentemente que estas opções tinham surtido efeito nos princípios do século XX e, depois da Segunda Guerra Mundial, precisaram ser retomadas. No livro *Entre Ditaduras (1948-1962)*, Rodrigues debruçou-se, mais uma vez, sobre condições e oportunidades de desenvolvimento do anarquismo no Brasil, num período histórico em que não existia um sistema político ditatorial. Não descurou da crítica aos sistemas políticos vigentes, referindo-se também à atualidade negativa das condições das massas trabalhadoras no Brasil. Colocando-se já em uma posição mais próxima da sua contemporaneidade, em 1993, escreveu *O Ressurgir do Anarquismo (1962-1980)*.

A experiência que teve em congressos e encontros anarquistas no Brasil, a leitura de vários jornais e panfletos, a crítica que faz à revolução cubana e ao regime soviético, os acontecimentos históricos revolucionários importantes, como foi o caso de Maio de 68 na França, permitiram-lhe resgatar a história do movimento anarquista do passado e potenciá-lo como uma grande hipótese histórica para o futuro. Na senda dos escritos que vinha realizando, o conteúdo do livro *Os libertários* identifica-se sobremaneira com os requisitos de uma análise contundente sobre as biografias de quatro anarquistas que tiveram uma importância crucial na divulgação do ideal anarquista junto ao movimento social operário brasileiro: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco e Fábio Luz. Este livro foi posteriormente adaptado num documentário cinematográfico, tendo inclusive atingido uma certa repercussão na televisão brasileira. Ainda em 1993 publicou *O Homem em Busca de Terra Livre*. Trata-se um livro em que procurou sistematizar a realidade negativa dos camponeses no Brasil, sublinhando a sua situação

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

de escravidão e exploração por parte dos latifúndios e do Estado. A propaganda anarquista, embora difícil, deveria ser fomentada com o objetivo de criar ligas camponesas, lutar para que os camponeses tivessem acesso à propriedade agrícola e, desse modo, pudessem desfrutá-la de forma livre e autogestionária. O livro *O Anarquismo no Banco dos Réus*, como já analisamos, incide na história do CEPJO, na prisão e julgamento dos seus membros. *Diga não à Violência* personifica um tipo de abordagem reportado quase em exclusivo aos vários fenômenos de violência exercida basicamente pelo Estado e pelo capitalismo, mas também pelas guerras, prisões, economia, religião, pelas relações entre homem e mulher, em todos os países do mundo. Esse livro é produto de uma reprodução de vários artigos publicados na época em vários jornais, na sua grande maioria em Portugal e alguns em outros países. Na mesma senda de internacionalizar os fenômenos sociais, políticos e culturais, em 1995, Edgar Rodrigues publica o livro *Sem Fronteiras*. Neste, procurou resgatar as lutas do movimento social operário identificadas com a sua emancipação social, e para que esses objetivos tenham viabilidade histórica, todas as fronteiras devem ser abolidas, sobretudo aquelas inscritas na defesa das pátrias configuradas no Estado-Nação. Ressalte-se que este tipo de análise foi firmado na reprodução de artigos escritos em jornais portugueses (a grande maioria), brasileiros, espanhóis e outras nacionalidades.

Entre 1994 e 1998 publicou *Os Companheiros* (5 volumes), trabalho exaustivo de resgate com pequenas biografias de companheiros anarquistas brasileiros, italianos, espanhóis, portugueses e de outros países, na sua grande maioria, anônimos. Sem exceção, todos eles

lutaram pela emancipação social do movimento operário no Brasil. No caso específico da *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*, Edgar Rodrigues elaborou uma análise sistemática e exaustiva da imprensa que esteve, historicamente, diretamente ligada ao movimento social operário, na sua grande maioria ligada aos princípios e práticas libertárias. Em 1998, publicou *Notas e Comentários Histórico-Sociais*, incidindo sua análise histórica no sentido de uma crítica radical ao marxismo e à sua tradução empírica baseada na experiência do comunismo soviético. A historicidade organizativa e ideológica desse processo histórico tem origem entre posturas autoritárias (Marx) e anti-autoritárias (Bakunin), como a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), em 1864. Com a publicação do *Universo Ácrata* (2 volumes), em 1998, Rodrigues pretendeu dar uma dimensão mundial da visibilidade histórica e social do anarquismo, apesar de o continente africano, países árabes e alguns asiáticos não terem sido objeto de análise. É uma história que não só especifica os movimentos sociais libertários mais importantes nos países analisados, mas também esclarece sobre os militantes anarquistas que neles atuaram, suas organizações e imprensa. Tenha-se que só Max Nettlau redigiu, entre 1925 e 1931, um trabalho de pesquisa semelhante. Edgar Rodrigues, com as suas capacidades e possibilidades, limitou-se, tão-só, a dar a este livro uma visibilidade social contemporânea ao anarquismo. Finalmente, na década de 1990, publicou o *Pequeno Dicionário das Ideias Libertárias*, escrito no sentido de propiciar uma leitura e divulgação do anarquismo junto ao grande público, que ignora seus feitos históricos. Foram feitas resenhas sintéticas de A a Z de autores e militantes

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

anarquistas, acontecimentos históricos, organizações anarquistas, significados de palavras com teor anarquista, teatro, educação, etc.

Com a entrada em um novo milênio, em 1º de janeiro de 2000, Edgar Rodrigues tinha setenta e oito anos, dois meses e doze dias. Embora já se encontrasse muito debilitado fisicamente em relação à sua visão, isso não o impediu de continuar na senda da pesquisa e divulgação do anarquismo. Tinha uma preocupação que o acompanhava permanentemente ao fim da sua vida: escrever uma série de livros que tinha programado já há algum tempo com base numa série de documentos que tinha guardado em seu arquivo pessoal e doar grande parte da sua biblioteca a organizações e pessoas do Brasil e de Portugal. Essa predisposição e preocupação era bem patente nos seus últimos livros, razão pela qual tivesse sempre uma explicação à espera de interessados para editar os livros que tinha em mente e já estavam elaborados: *Militantes Libertários*; *Antologia Anarquista*; *Caminhando pelo Anarco-Sindicalismo em Portugal*; *Anarquia – Uma Visão Histórica do Movimento Libertário Português*; *Correspondência e Escritos Seletos*.

Assim, até a sua morte em 14 de maio de 2009, publicou os seguintes livros: *Anarquismo à Moda Antiga*³⁶, em 2001; *O Homem e a Terra no Brasil*³⁷, em 2001; *O Porto Rebelde*³⁸, em 2001; *Três Depoimentos Libertários*³⁹ (em colaboração com Jaime Cubero e Diego Giménez Moreno), em 2002; *Against All Tyranny – Essays on Anarchism in Brazil*⁴⁰, em 2003; *Rebeldias* (4 volumes)⁴¹, entre 2003 e 2007, *Um Século de História Político-Social em Documentos* (2 volumes)⁴², em 2005 e 2007; *Lembranças Incompletas*⁴³, em 2007; *Mulheres & Anarquia*⁴⁴, em 2007.

No caso do *Anarquismo à Moda Antiga*, depreende-se que a intenção de Edgar Rodrigues regeu-se pela defesa manifesta da ligação do anarquismo ao movimento social operário na sua versão anarcossindicalista. Aliás, essa opção e ensinamentos são bem visíveis na plasticidade social desse movimento no princípio do século XX no Brasil (COB), Portugal (CGT), Espanha (CNT), França (CGT) e Argentina (FORA). Por outro lado, as regras de convivência e de solidariedade entre anarquistas eram bastante identitárias, fortalecendo um diálogo fraterno e profícuo entre as várias sensibilidades. Em relação ao livro *O Homem e a Terra no Brasil*, prestou “homenagem póstuma ao camponês russo Elias Iltchenco e aos familiares e companheiros libertários que se fixaram em terras de Erebangó, Rio Grande do Sul, e a maioria ali morreu trabalhando na agricultura”. É, sem dúvida, uma manifestação de solidariedade para com todos os camponeses que viveram uma situação de escravidão em seus países, como foi no caso da Rússia soviética, que depois de expulsos foram constrangidos a trabalhar no Brasil em condições paupérrimas: condições de trabalho, salários miseráveis, inexistência de direitos sindicais e sociais. Em 1951, colaborou num depoimento, com Jaime Cubero e Diego Giménez, no livro *Três Depoimentos Libertários*, discernindo sobre obra sua vida e obra em Portugal e no Brasil. Em 2002, publicou na Inglaterra *Against All Tyranny – Essays on Anarchism in Brazil*, sublinhando o caráter anarquista das lutas contra as ditaduras que tinham sido implantadas no século XX no Brasil. Entre 2003 e 2007, foram publicados 4 volumes do livro *Rebeldias*, em que recorreu à reprodução de documentos históricos de sua autoria publicados em jornais e revistas, na sua grande maioria em Portugal, mas também no Brasil, Espanha e

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

outros países. Diga-se, em abono da verdade, que muitos desses artigos não se enquadravam numa perspetiva ideológica libertária. Entre 2005 e 2007, publicou 2 volumes do livro *Um Século de História Político-Social em Documentos*. Mais uma vez, socorreu-se de documentos que tinha guardado em seu arquivo relativos a acontecimentos históricos protagonizados por militantes, grupos e organizações anarquistas: imprensa, sindicatos, teatro, escolas, bibliotecas, congressos, encontros, conferências. Em 2007, publicou *Lembranças Incompletas*. É, sem dúvida, um livro bastante exaustivo sobre sua vida em Portugal e no Brasil. Muitos acontecimentos históricos pelo qual passou e pessoas que conheceu foram escrutinados pela sua memória e inteligibilidade. Devo referir, no entanto, que Edgar Rodrigues, em relação a certas pessoas, não tinha necessidade alguma em utilizar a delação, mesmo que indiretamente. Que eu tenha conhecimento, o último livro publicado por Rodrigues, em vida, foi *Mulheres & Anarquia*. Este livro tem por base a defesa da emancipação social da mulher no quadro de uma luta contra os malefícios do Estado, da religião e do capitalismo. Dessa realidade emerge uma perspetiva anarquista difusa, com predominância para uma visão clássica do anarcossindicalismo. Para a sua consecução, escolheu depoimentos de uma série de mulheres libertárias brasileiras e homens libertários brasileiros, com exceção do mexicano Ricardo Flores Magón.

Ao longo deste texto não enunciei alguns livros que, entretanto, foram publicados: *O Retrato da Ditadura Portuguesa*⁴⁵; *Portugal Hoy*⁴⁶; *Portogallo D'Oggi Di Salazar*⁴⁷; *Lavoratori Italiani in Brasile*⁴⁸. Os três primeiros livros são uma continuidade da denúncia da ditadura fascista de Salazar, na década de 1960. O último é uma tradução

italiana do livro que havia sido publicado na década de 1980 no Brasil. Por um lado, existe um objetivo claro em alargar geograficamente a denúncia do regime de Salazar e, por outro lado, enaltecer o papel da emigração italiana na divulgação do anarquismo no Brasil.

A produção teórica de Edgar Rodrigues resultou em 48 livros (não contando que alguns desses livros deram origem a mais 9 volumes) publicados, na sua grande maioria, no Brasil, Portugal, Venezuela e Itália. Todavia, não podemos menosprezar 1755 artigos⁴⁹ que foram publicados durante sua vida em 12 países. Em primeiro lugar porque, através da imprensa nacional, local e regional, a difusão do anarquismo foi feita com maior eficiência. Em segundo lugar, porque esses artigos serviram, em certa medida, para compilar a história social do movimento operário no Brasil e em Portugal. Não voltando a citar a imprensa portuguesa em que Edgar Rodrigues colaborou, observe-se, agora, os países, jornais e revistas em que publicou seus textos desde 1952, quando tinha trinta e um anos, até sua morte: *Ação Direta* (Brasil); *verve* (Brasil); *Letralivre* (Brasil) *Solidaridad Gastronómica* (Cuba); *El Sol* (Costa Rica); *El Libertario* (Cuba); *Solidaridad Obrera* (França); *CNT* (Toulouse-França); *L'Adunata Dei Refrattari* (América do Norte); *Tierra y Libertad* (México); *O Malhete* (Brasil); *A Coluna* (Brasil); *Reconstruir* (Argentina); *O Semanário* (Brasil); *O Lusitano* (Brasil); *Noticias do Brasil* (Brasil); revista *Domingo* (Jornal do Brasil); *Mesa Redonda* (Brasil); *Portugal Democrático* (Brasil); *Ruta* (Venezuela); *A Gazeta do Brasil* (Brasil); *A Luta* (Brasil); *O Mundo Português* (Brasil); *O Libertário* (Brasil); *Voluntad* (Uruguai); *Le Combat Syndicaliste* (França); *Espoir* (França); *Cenit* (França); *Gazetilla Austral* (Uruguai); *Boletim de Imprensa Libertária*

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

(América do Norte); *Umanitá Nova* (Itália); *Anarchia* (Itália); *O Inimigo do Rei* (Brasil); *Leia Livros* (Brasil); *El Campesino* (México); *Revista Cultura Libertária* (Espanha); *Tierra y Libertad* (Espanha); *Revista Leitura* (Brasil); *Le Monde Libertaire* (França); *L'Internazionale* (Itália); *Cultura Libertária* (Espanha); *Guangara Libertaria* (América do Norte); *Diário da Manhã* (Brasil); *Orto* (Espanha); *Boletín de la Escuela Paideia* (Espanha); *El Libertario* (Venezuela).

Para finalizar esta pequena biografia, é necessário prestar homenagem à sua companheira de sempre, na medida em que Ondina dos Anjos da Costa Santos foi incansável em todos os atos de solidariedade, amizade e amor que permitiram a Edgar Rodrigues ser aquilo que foi. Ondina dos Anjos da Costa Santos morreu em 3 de janeiro de 2014.

Considerações finais

Estou extremamente consciente das limitações que tive para redigir uma pequena biografia sobre a vida e a obra de Edgar Rodrigues. Na verdade, é extraordinariamente difícil estudar de forma atempada e adequada as centenas de artigos e dezenas de livros que Edgar Rodrigues escreveu. Por outro lado, é necessário ter presente seus contornos militantes em relação ao anarquismo em Portugal e no Brasil. Se houve algumas facetas desse militantismo que pessoalmente tenha vivido, há outros que não presenciei, razão pela qual só com base na memória histórica verbal, oral e escrita, foi-me possível construir meu discurso narrativo. Outros aspectos, como foi o caso da sua inserção no mundo da gestão empresarial da construção civil, tornou-se para mim uma tarefa fácil de analisar.

Posto isto, podemos extrair três grandes dimensões analíticas em relação à biografia de Edgar Rodrigues. Em primeiro lugar, como militante anarquista, seu comportamento foi intrinsecamente antipatriota. Essa postura é bastante acentuada em seus livros e artigos quando critica radicalmente o Estado e o capitalismo em termos globais, sugerindo como solução a abolição de todas as fronteiras econômicas, sociais, políticas e culturais. Aliás, a respeito dos defensores do patriotismo, Edgar Rodrigues, informalmente, queixava-se amarguradamente de alguns anarquistas brasileiros que tinham uma postura comportamental identificada com a defesa da pátria brasileira. Como forma de gozo e ironia chegaram a chamar-lhe de escritor “lusitano”.

Em segundo lugar, é necessário enaltecer o trabalho de pesquisa gigantesco que foi realizado no domínio da historiografia do movimento social operário e do movimento anarquista. Este aspeto é bem mais relevante no Brasil do que em Portugal. Importa referir que todos os seus livros e artigos que estão articulados com estes pressupostos têm uma dupla validade heurística. Em termos meramente científicos, há que levar em conta a sua originalidade, na medida em que pela primeira vez na história esses fatos e acontecimentos históricos foram divulgados junto a milhares de leitores em bibliotecas e livrarias. Muitas pesquisas posteriores de autores que trabalham nas universidades e em centros de investigação socorrem-se dos estudos realizados por Edgar Rodrigues. É evidente também que vários de seus livros não foram sistematizados e aprofundados como desejava. Perante esta situação, pede-se aos universitários e investigadores

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

que pesquisem o manancial de informação em estado bruto e inacabado que Edgar Rodrigues nos deixou.

Finalmente, como homem, revejo-me profundamente no caráter e na personalidade de Edgar Rodrigues. Era um homem honestíssimo, íntegro e extremamente solidário para com todo ser humano. Por vezes cometeu algumas injustiças em relação a certos companheiros anarquistas. Todavia, com conhecimento próprio dessas injustiças, isso ocorreu porque foi mal informado e objeto de intrigas por parte de pessoas que se reivindicavam do anarquismo. No fundo, a sua postura comportamental era atravessada por um tipo de humanismo mesclado pela amizade e a solidariedade. A plasticidade social destes pressupostos comportamentais era visível na sua família, mas também com os anarquistas e outras pessoas que não defendiam essa ideologia.

Notas

¹ Esse artigo, assim como o que foi publicado na revista *verve*, n. 24, em 2013, “Roberto das Neves: um cidadão do Mundo”, é resultado de minha participação no Projeto MOSCA (Movimento Social Crítico e Alternativo), memórias e referências. Este projeto de investigação e desenvolvimento tecnológico foi financiado pela FCT. [Segunda parte do artigo por José Maria Carvalho Ferreira sobre os percursos do anarquista português Edgar Rodrigues. A primeira parte foi publicada em *verve*, n. 25. Após escapar da ditadura de Salazar vindo para o Brasil, Rodrigues logo encontrou outra por aqui. Nessas terras, conheceu e associou-se a companheiros como Roberto das Neves, com quem passou a editar suas pesquisas em forma de livro. A partir de então, dedicou-se a pesquisar e publicar textos, documentos, breves biografias e entrevistas sobre o movimento anarquista. (N.E.)]

² Edgar Rodrigues. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Laemmert, 1969.

- ³ Idem, pp. 20-21.
- ⁴ Edgar Rodrigues. *Alvorada Operária*. Rio de Janeiro, Edições Mundo Livre, 1979.
- ⁵ Edgar Rodrigues. *Socialismo síntese das origens e doutrinas*. Rio de Janeiro, Editora Porta Aberta, 2003, p. 49.
- ⁶ Idem, p. 51.
- ⁷ Edgar Rodrigues. *Violência, autoridade & humanismo*. Rio de Janeiro, Edição de Edgar Rodrigues e Manuel Matos, 1974.
- ⁸ Edgar Rodrigues. *ABC do Anarquismo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1976.
- ⁹ Edgar Rodrigues. *Breve História do Pensamento e das Lutas Sociais em Portugal*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1977.
- ¹⁰ Edgar Rodrigues. *O Despertar Operário em Portugal* (1º volume). Lisboa, Editora Sementeira, 1980; Edgar Rodrigues. *Os Anarquistas e o Despertar dos Sindicatos* (2º volume). Lisboa, Editora Sementeira, 1981; Edgar Rodrigues. *A Resistência Anarco-Sindicalista à Ditadura em Portugal* (3º volume). Lisboa, Editora Sementeira, 1981; Edgar Rodrigues. *A Oposição Libertária em Portugal* (4º volume). Lisboa, Editora Sementeira, 1981.
- ¹¹ Edgar Rodrigues. *O Deus Vermelho*. Porto, Editora Mundo Livre, 1978.
- ¹² Edgar Rodrigues. *Nacionalismo e Cultura Social*. Rio de Janeiro, Editora Laemmert, 1972.
- ¹³ Edgar Rodrigues, 1974, op. cit.
- ¹⁴ Edgar Rodrigues. *Conceito de Sociedade Global*. Rio de Janeiro, Edição de Manuel Matos e Edgar Rodrigues, 1974.
- ¹⁵ Edgar Rodrigues. *Trabalho e Conflito*. Rio de Janeiro, Edição de Manuel Matos, Edgar Rodrigues, Fernando Neves, Manuel Ramos e Victoria Ramos, 1977.
- ¹⁶ Edgar Rodrigues. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1978.
- ¹⁷ Edgar Rodrigues. *Socialismo: uma visão alfabética*. Rio de Janeiro, Editora Porta Aberta, 1980.
- ¹⁸ Edgar Rodrigues. *Os Anarquistas – Trabalhadores Italianos no Brasil*. Rio de Janeiro, Global Editora, 1984.

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

- ¹⁹ Edgar Rodrigues. *Quem tem medo do anarquismo?*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1986.
- ²⁰ Edgar Rodrigues. *ABC do Sindicalismo Revolucionário*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1987.
- ²¹ Edgar Rodrigues. *Os Libertários - ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- ²² Edgar Rodrigues. *A Nova Aurora Libertária*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.
- ²³ Edgar Rodrigues. *O Anarquismo na Escola, no Teatro, na Poesia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.
- ²⁴ Edgar Rodrigues. *Entre Ditaduras*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1993.
- ²⁵ Edgar Rodrigues. *O Ressurgir do anarquismo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1993.
- ²⁶ Edgar Rodrigues. *Os Libertários*. Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados, 1993.
- ²⁷ Edgar Rodrigues. *O Homem em busca de Terra Livre*. Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados, 1993.
- ²⁸ Edgar Rodrigues. *O Anarquismo no Banco dos Réus*. Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados, 1995.
- ²⁹ Edgar Rodrigues. *Diga Não à Violência*. Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados, 1995.
- ³⁰ Edgar Rodrigues. *Sem Fronteiras*. Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados, 1995.
- ³¹ Edgar Rodrigues. *Os Companheiros* (5 volumes). Florianópolis, Editora Insular, 1995.
- ³² Edgar Rodrigues. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*. Florianópolis, Editora Insular, 1995.
- ³³ Edgar Rodrigues. *Notas e Comentários Histórico-Sociais*. Rio de Janeiro, CC&P Editores, 1998.
- ³⁴ Edgar Rodrigues. *Universo Ácrata* (2 volumes). Florianópolis, Editora Insular, 1999.

- ³⁵ Edgar Rodrigues. *Pequeno Dicionário das Ideias Libertárias*. Rio de Janeiro, CC&P Editores, 1998.
- ³⁶ Edgar Rodrigues. *Anarquismo à Moda Antiga*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1998.
- ³⁷ Edgar Rodrigues. *O Homem e a Terra no Brasil*. Rio de Janeiro, CC&P Editores, 1998.
- ³⁸ Edgar Rodrigues. *O Porto Rebelde*. Porto, Editor Fernando Vieira, 2001.
- ³⁹ Edgar Rodrigues, Jaime Cubero & Diego Giménez Moreno. *Três Depoimentos Libertários*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2002.
- ⁴⁰ Edgar Rodrigues. *Against All Tyranny – Essays on Anarchism in Brazil*. Londres, Kate Sharpley Library, 2003.
- ⁴¹ Edgar Rodrigues. *Rebeldias* (volume 1). Rio de Janeiro, Achiamé, 2003; Edgar Rodrigues. *Rebeldias* (volume 2). Guarujá, Opúsculo Libertário, 2004; Edgar Rodrigues. *Rebeldias* (volume 3). Guarujá, Opúsculo Libertário, 2004; Edgar Rodrigues. *Rebeldias* (volume 4). Rio de Janeiro, Achiamé, 2007.
- ⁴² Edgar Rodrigues. *Um Século de História Político-Social em Documentos* (2 volumes). Rio de Janeiro, Achiamé, 2005/2007.
- ⁴³ Edgar Rodrigues. *Lembranças Incompletas*. Guarujá, Opúsculo Libertário, 2007.
- ⁴⁴ Edgar Rodrigues. *Mulheres & Anarquia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007.
- ⁴⁵ Edgar Rodrigues. *O Retrato da Ditadura Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Mundo Livre, 1962.
- ⁴⁶ Edgar Rodrigues. *Portugal Hoy*. Caracas, Juventudes Libertárias Espanholas no Exílio, 1963.
- ⁴⁷ Edgar Rodrigues. *Portogallo D'Oggi Di Salazar*. Milano, Editora Anarchia, 1963-1964.
- ⁴⁸ Edgar Rodrigues. *Lavoratori Italiani in Brasile*. Milano, Galzerano Editore, 1985.
- ⁴⁹ Idem.

Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias

Resumo

Segunda parte da biografia política do pesquisador, arquivista e historiador autodidata e anarquista Edgar Rodrigues. Relata sua vida e militância em fuga da ditadura de Salazar para o Brasil e, após uma década no Rio de Janeiro, seu envolvimento com o movimento anarquista e suas ações de resistência à ditadura civil-militar de 1964 no Brasil. A primeira parte desse artigo foi publicada em verve 25.

Palavras-chave: anarquismo no Brasil, arquivos operários, resistência a ditaduras.

Abstract

The article is the second part of the political biography of the anarchist teacher, archivist and autodidact historian Edgar Rodrigues. It recounts his life and militancy while escaping Salazar's dictatorship and, after ten years in Rio de Janeiro, his involvement with the local anarchist movement and his resistance acts against the 1964's civilian-military dictatorship. The first part of this article was published in verve 25.

Keywords: anarchism in Brazil, workers archives, resistances against dictatorships.

Edgar Rodrigues: an anarchist between two countries [second part], José Maria Carvalho Ferreira.

Recebido em 15 de fevereiro de 2014. Confirmado para publicação em 05 de abril de 2014.